
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANA PAULA VILAR

**MAPAS VIVENCIAIS: UM FACILITADOR NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
CARTOGRÁFICA COM CRIANÇAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL I**



RIO CLARO - SP
2022

ANA PAULA VILAR

**MAPAS VIVENCIAIS: UM FACILITADOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
CARTOGRÁFICA COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof^o. Dr. Diego Corrêa Maia

RIO CLARO - SP
2022

V697m Vilar, Ana Paula
Mapas vivenciais: um facilitador no processo de alfabetização cartográfica com crianças do ensino fundamental I / Ana Paula Vilar.
-- Rio Claro, 2022
27 f. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio
Claro
Orientador: Diego Corrêa Maia

1. Geografia. 2. Cartografia infantil. 3. Alfabetização cartográfica.
4. Mapas vivenciais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANA PAULA VILAR

**MAPAS VIVENCIAIS: UM FACILITADOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
CARTOGRÁFICA COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de
Biociências- Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Diego Corrêa Maia (Orientador)
Profa. Dra. Nivea Massaretto Verges
Profa. Dra. Angislene de Fátima Ferreira Andrade

Aprovado em: 20 de Janeiro de 2022



Assinatura do(a) discente



Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e amigos próximos que sempre me apoiaram em minhas escolhas e me incentivaram a lutar pelos meus sonhos, muitas vezes acreditando mais em mim do que eu mesma, que sou capaz de realizá-los.

Gratidão à todos os professores de graduação que passaram por mim ao longo desses anos de formação, se fazendo ponte entre mim e o conhecimento acadêmico.

Em especial ao meu orientador, professor Diego Maia, por me acolher generosamente como sua orientanda.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho consiste em analisar uma nova proposta de se trabalhar a geografia escolar com crianças pequenas, bem como, compreender a importância de iniciar o processo de alfabetização cartográfica, durante os primeiros anos do Ensino Fundamental. A discussão proposta estará ancorada no conceito de mapas vivenciais e, a partir do mesmo, identificaremos as contribuições deste recurso na produção de representações das vivências nos espaços. A temática será abordada tendo como aporte teórico os estudos da Infância e, mais especificamente, a Sociologia da Infância, assim como com a Teoria Histórico-Cultural. Tais referenciais possibilitarão olhar para a criança e para o Ensino da Geografia através de uma perspectiva contemporânea de Educação. Os procedimentos metodológicos estarão pautados em uma abordagem qualitativa e para a coleta de dados será feito um levantamento bibliográfico.

Palavras-Chave: Mapas vivenciais. Cartografia com crianças. Infância.

ABSTRACT

The present work consists of analyzing a new proposal to work with school geography with young children, as well as understanding the importance to start the cartographic literacy process, during the first years of the Elementary School. The proposed discussion will be anchored in the concept of maps experiences and, from there, we will identify the contributions of this resource in the production of representations of experiences in spaces. The topic will be addressed having as theoretical support the studies of Childhood and, more specifically, the Sociology of Childhood, as well as with the Historical-Cultural Theory. Such references will make it possible to look at the child and at the Teaching of Geography through a contemporary perspective of Education. The methodological procedures will be based on a qualitative approach and for data collection, a bibliographic survey.

Keywords: Experiential maps. Cartography with children. Childhood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipos de trabalhos encontrados sobre Mapas Vivenciais.....	10
Figura 2: Trabalhos encontrados por regiões.....	10
Figura 3: Trabalhos encontrados sobre Mapas Vivenciais.....	11
Figura 4: Tipos de trabalhos encontrados sobre Cartografia com Crianças.....	12
Figura 5: Trabalhos sobre Cartografia com Crianças.....	12

SUMÁRIO

1 A PESQUISA.....	08
2 PESQUISANDO NAS BASES DE DADOS.....	09
2.1 Mapas Vivenciais.....	09
2.2 Cartografia com crianças.....	11
3 TRABALHOS ENCONTRADOS.....	13
3.1 Introdução.....	13
3.2 Cartografia com crianças pequenas: Uma pesquisa.....	15
4 MAPAS VIVENCIAIS: UMA NOVA POSSIBILIDADE.....	18
4.1 Vivencias em Mapas: Uma atividade prática.....	20
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

1 A PESQUISA

O gosto pela Geografia me fez ter o interesse em pesquisar como nós Pedagogos, podemos inicializar com as crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental, uma alfabetização cartográfica por meio da utilização de Mapas Vivenciais.

Como Pedagogo, há uma necessidade de se pensar o modo como estão sendo abordados os conteúdos do ensino de Geografia atualmente, por parte dos educadores, numa tentativa de demonstrar novas ferramentas para auxiliá - los nesse processo de ensino aprendizagem, dando ênfase para a utilização dos mapas vivenciais em sala de aula, uma vez que eles são uma nova ferramenta de ensino dentro do ambiente escolar.

Por meio da pesquisa procuramos compreender de que maneira os mapas vivenciais podem colaborar com o trabalho desenvolvido pelo educador, nesse processo de aprendizado da Geografia, de forma que a criança seja protagonista dessa aprendizagem, permitindo que ela construa a partir de sua vivência de mundo, seus conceitos acerca dos espaços.

Foi utilizado como procedimento metodológico a abordagem qualitativa. Por meio de tal método, a pesquisa buscou-se analisar as potencialidades dos mapas vivenciais, como favorecedor no processo de alfabetização cartográfica.

Para dar embasamento à pesquisa, faremos um levantamento bibliográfico, que consiste em buscar materiais informacionais. Utilizaremos como base de dados as plataforma CAPES e Google Acadêmico, fazendo uma busca por produções científicas na área estudada, com as seguintes palavras- chave: Mapas vivenciais e Cartografia com crianças.

2 PESQUISANDO NAS BASES DE DADOS

A pesquisa teve início pela busca das palavras-chave escolhidas, são elas “Mapas Vivenciais” e “Cartografia com crianças”, ambas foram pesquisadas em duas plataformas diferentes, CAPES e Google Acadêmico.

2.1 Mapas Vivenciais

A pesquisa deu-se primeiramente pela busca na plataforma Google Acadêmico, e obtivemos desse modo um total de 55 trabalhos encontrados com a palavra chave: “Mapas Vivenciais”. A busca foi realizada num período dos últimos dez anos e foram assim separados os trabalhos que estavam preferencialmente em língua portuguesa.

Também foram selecionados apenas os trabalhos que fizessem sentido com a temática da presente pesquisa.

Por fim totalizaram-se 8 trabalhos, entre eles estão, artigos, dissertações e tcc, realizados em diferentes regiões do Brasil.

Os trabalhos escolhidos foram organizados em uma tabela, onde se podem obter informações a respeito do título de cada um deles, bem como o ano em que o mesmo foi escrito e seus autores, para uma melhor compreensão da busca realizada.

Uma tabela com a quantidade de trabalhos encontrados em cada região do país também foi disponibilizada.

O mesmo tipo de busca também foi realizado na segunda plataforma escolhida, a CAPES, e nela foram encontrados apenas 7 trabalhos, sendo eles artigos que infelizmente se repetiam com os encontrados na plataforma anterior, e por isso foram dessa forma desconsiderados na contagem.

Abaixo, as figuras 1 e 2, representam as estatísticas encontradas durante a pesquisa dos trabalhos nas bases de dados.

Figura 1: Tipos de trabalhos encontrados sobre Mapas Vivenciais

Textos	Quantidades
Artigo	5
Dissertação	2
TCC	1
TOTAL	8

Fonte: Google Acadêmico e Capes. Organizado pela autora, 2021

A figura acima mostra que o tipo de texto denominado artigo, aparece na pesquisa em maior quantidade que os demais tipos, totalizando 5 textos. 2 deles foram dissertações e apenas 1 foi em formato de TCC.

Figura 2: Trabalhos encontrados por regiões

Regiões	Quantidades
Norte	0
Nordeste	3
Centro- Oeste	1
Sudeste	4
Sul	0
TOTAL	8

Fonte: Google Acadêmico e Capes. Organizado pela autora, 2021

Já na figura 2 separamos os trabalhos encontrados de acordo com a região do país em que ele foi publicado.

A região sudeste foi a que mais apareceu durante a pesquisa, com 4 dos 8 trabalhos selecionados. Em segundo lugar, a região que mais apareceu foi o nordeste, com 3 trabalhos e por fim encontramos 1 trabalho na região centro-oeste do Brasil. Nas regiões norte e sul não foram encontrados registros.

Figura 3: Trabalhos encontrados sobre Mapas Vivenciais

	Título	Ano	Autores
1	Mapas Vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais	2016	Lopes, J. J. M.; Costa, B. M. F.; Amorim, C.C.
2	A cartografia nas mãos e nas vozes das crianças	2016	Lopes, J.J.M.; Lima, R.J.
3	Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequenas	2012	Lopes, J.J.M.
4	Desde a geografia da infância a construção de uma cartografia vivencial/ social	2021	Costa, B.M.M.C.
5	Infância e espaço: crianças, espacialidade e ensino de geografia nos anos iniciais	2019	Oliveira, T.F.; Kelman, C.A.
6	Mapas Mentais para o ensino de geografia: práticas e reflexões em uma escola de Campina Grande- PB	2015	Almeida, D.L.
7	Cartografia escolar na Educação Infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental: O que dizem as pesquisas	2019	Corneto, N.
8	Crianças em cena e suas vivências geográficas em um CMEI de Maceió/ AL	2019	Andrade, L.M.; Silva, M.F.S.

Fonte: Google Acadêmico e Capes. Organizado pela autora, 2021

Na figura 3 estão listados todos os 8 trabalhos selecionados para a pesquisa. A maior parte dos textos foi produzida no ano de 2019, o mais antigo deles em 2012 e o trabalho mais recente foi realizado em 2021.

2.2 Cartografia com crianças

Dando continuidade na pesquisa, a segunda palavra-chave, “Cartografia com crianças”, foi pesquisada primeiramente na plataforma do Google Acadêmico, respeitando os mesmos critérios descritos na primeira busca.

Foi encontrado um total de 80 trabalhos com a palavra-chave citada acima, porém, ao fazermos o levantamento dos temas que mais faziam sentido para a pesquisa em questão, a quantidade resumiu-se a apenas 4 trabalhos que faziam referência à temática proposta.

Alguns dos textos que foram encontrados se repetiam da primeira busca realizada com a palavra chave “Mapas Vivenciais”, e por esse motivo foram excluídos.

Também foram retirados trabalhos que estavam em língua estrangeira, deixando somente os de língua portuguesa.

Seguindo com as buscas, fazendo o mesmo procedimento, agora na segunda base de dados, a CAPES, foi encontrado apenas 1 trabalho, e embora ele estivesse de acordo com a temática da pesquisa em questão, ele já tinha sido encontrado anteriormente em outras buscas.

Sendo assim apenas foram selecionados para uso no trabalho, os 4 textos encontrados no Google Acadêmico.

Abaixo estão dispostas as figuras 4 e 5, com os dados estatísticos dos resultados encontrados nessa última exploração.

Figura 4: Tipos de trabalhos encontrados sobre Cartografia com Crianças

Textos	Quantidades
Artigo	3
Tese	1
TOTAL	4

Fonte: Google Acadêmico e Capes. Organizado pela autora, 2021

Ao analisar a figura 4, pode-se observar que dos quatro trabalhos selecionados, 3 deles se caracterizam um artigo e apenas 1 é uma tese de Doutorado. As 4 produções se concentraram na região sudeste do Brasil.

Figura 5: Trabalhos sobre Cartografia com Crianças

	Título	Ano	Autores
1	Cartografia com crianças: lógicas e autorias infantis	2017	Lopes, J.J.M.; Melo, M.B.
2	“A gente vai cavando, cavando e cavando até chegar ao tesouro!”: Cartografia com crianças pequenas	2014	Bogossian, T.
3	O pensamento espacial na Educação Infantil: uma relação entre geografia e cartografia	2017	Juliasz, P.C.S.
4	Geografia da Infância: onde encontramos as crianças?	2017	Lopes, J.J.M.; Costa, B.M.F.

Fonte: Organizado pela autora, 2021

Na figura 5 foram listados os 4 trabalhos selecionados na base de dados para uso na pesquisa. Pode-se observar que 3 deles são do ano de 2017 e apenas 1 mais antigo, do ano de 2014.

3 TRABALHOS ENCONTRADOS

Após realizadas as buscas nas bases de dados, Google Acadêmico e CAPES, das palavras-chave escolhidas para a pesquisa, nos próximos capítulos que se sucedem, pretende-se fazer a explanação dos trabalhos selecionados, relacionando-os, a fim de se compreender a temática dos Mapas Vivenciais e sua relação com a Alfabetização Cartográfica com crianças pequenas.

Trataremos primeiramente da Cartografia com crianças, e posteriormente dos Mapas Vivenciais, fazendo por fim considerações acerca dos dois temas que se entrelaçam.

3.1 Introdução

De acordo com Gonçalves e Lopes (2018), sabemos que as últimas décadas do século XX e as primeiras décadas do século XXI foram marcadas por transformações no mundo, tanto geopolíticas, socioeconômicas e culturais, quanto tecnológicas, trazendo consequências que acabaram por atingir a vida e também o pensamento dos indivíduos.

Com as transformações no mundo, o pensamento dos indivíduos também é afetado, atingindo dessa maneira o aprendizado dos mesmos, uma vez que cada um deles advém de um lugar com uma conjuntura diferente, e uma forma de ver o mundo. Dessa maneira, isso interfere no modo como os conteúdos devem ser abordados. O ensino deve ser promovido considerando as particularidades de cada espaço e de cada ser nele constituído, buscando levar em consideração a história e a realidade desses seres.

[...] a criança não está no espaço, não está no território, não está no lugar, nem na paisagem; ela é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, é a paisagem e, por serem produtoras de culturas e geografias, enriquecem nossa condição humana (LOPES, 2007, p.55 apud GONÇALVES, LOPES, 2008, p.45).

Ainda de acordo com Gonçalves e Lopes (2018), estão ocorrendo transformações no modo de percepção dos educandos acerca das noções de espaço e do tempo e, conseqüentemente, fazendo com que os mesmos percorram um processo de desterritorialização da experiência e da identidade.

[...] o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas (HALL, 2003 apud GONÇALVES, LOPES, 2008, p.46).

Com isso é preciso que tanto a educação, quanto a escola, se atente para tais mudanças, uma vez que vivemos em uma sociedade informacional e necessitamos de outras perspectivas culturais para que se possa ver, conhecer e aprender o mundo de maneira diferente do conhecimento sistematizado, segundo, Gonçalves e Lopes (2008).

Mediante aos apontamentos explicitados, é preciso quebrar paradigmas no que diz respeito à organização do trabalho pedagógico atual, do ensino de Geografia. O ensino de Geografia, nas escolas brasileiras, possui propostas curriculares as quais, os conteúdos geográficos, são trabalhados com os alunos de forma desarticulada e fragmentada.

A partir dessa abordagem, a memorização será fundamental uma vez que, os educandos, não compreenderão o processo como um todo e sim, como parte. Para exemplificar, Gonçalves e Lopes (2008) apontam a fragmentação do ensino de Geografia Física da Geografia Humana, como se elas não se complementassem.

Em contrapartida, os mapas vivenciais, possibilitam outra abordagem metodológica. Os mapas vivenciais são uma ferramenta rica, pois por meio deles a criança produz representações cartográficas dos espaços vivenciados por ela, é uma forma diferente de representar o mundo segundo seu olhar. Desse modo se abrem novas possibilidades de significação, pois cada criança traz consigo experiências de vida diferentes umas das outras.

Segundo Lopes, Costa, Amorim (2016) em seu protagonismo infantil, as crianças se apropriam dos elementos culturais do mundo e os reinterpretem a partir dos novos significados que estabelecem. Tal prática o autor denomina como uma reprodução interpretativa, considerando uma postura ativa da criança, frente ao mundo.

Nesse sentido, a leitura de mundo será essencial para que o educando possa exercer sua cidadania. Assim como, a alfabetização escrita é importante, a oral também deve caminhar junto, uma vez que o educando é visto na atualidade como um sujeito de saberes, com potencialidades e possibilidades.

O aluno antes mesmo de entrar para a escola já participa de práticas sociais de letramento, apresentando uma forma de ver e compreender o mundo.

Segundo a perspectiva de Vigotsky, a criança nasce num meio social, que é a família e é por meio dela que estabelece as primeiras relações com a linguagem. A criança interage com os outros nas atividades cotidianas, e com isso, de maneira interativa, ela vai elaborando seus

conhecimentos sobre o que acerca, sobre os objetos. Esse conhecimento da criança é marcado por condições culturais, sociais e históricas.

[...] o humano conduz o seu desenvolvimento tomando elementos do meio, que é social e historicamente construído, dialeticamente. É vivenciando as situações sociais de desenvolvimento que os sujeitos atribuem sentido à realidade. (VIGOTSKI, 2010 apud LOPES, COSTA, AMORIM, 2016, p.245).

Faz-se necessário nos dias de hoje que o ensino da Geografia nos primeiros anos do Ensino Fundamental reconheça a leitura de mundo dos educandos a partir de uma análise da realidade vivida e percebida por ele.

Tal leitura de mundo da criança, segundo Paulo Freire (1988), tem como começo antes mesmo, da criança saber ler as palavras, dela ser alfabetizada de fato, e conseguir decodificar. Contudo essa leitura seria uma leitura da vida.

Nesse conceito, ler o mundo significa ler os signos, que são, por exemplo, os objetos e as coisas, os sinais. Dessa maneira a criança não necessariamente necessita estar alfabetizada para compreender uma situação, pois ela consegue ler aquilo que está inserido no mundo dela.

E a criança só consegue realizar essa leitura de mundo porque está inserida num meio social, onde há o contato com outras pessoas. Entre o mundo e a criança há um mediador.

Por meio da vivência e da relação com o meio, a criança inicia um processo de aprendizagem favorecendo assim, o seu desenvolvimento, antes mesmo de entrar para a escola.

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como e vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (VIGOTSKI, 2010, p. 686 apud LOPES, COSTA, AMORIM, 2016, p.245).

3.2 Cartografia com crianças pequenas: Uma pesquisa

Pensando em uma nova maneira de se trabalhar o ensino de geografia, iniciando-o já com as crianças pequenas, bem como considerando a importância da vivência de cada criança para a construção do conhecimento cartográfico, apresentamos algumas contribuições nesse campo.

Segundo Bogossian (2014) em sua pesquisa acerca do tema, “Nossa pesquisa buscou aproximar-nos da compreensão da vivência de meninos e meninas e a construção de suas territorialidades a partir do ponto de vista delas próprias” (BOGOSSIAN, 2014, p.110).

Bogossian desenvolveu uma pesquisa no ano de 2012, em uma creche que está localizada no município de Niterói, no RJ, sendo a mesma vinculada com a UFF (Universidade Federal Fluminense). Participaram da pesquisa crianças de 4 a 6 anos que lá estudavam.

Foram realizadas algumas intervenções como, por exemplo: rodas de conversas, bem como conversas e/ou apresentação de representações espaciais adultas, como mapas, maquetes e também desenhos adultos. As crianças também realizaram suas produções.

Com as atividades práticas das crianças pode-se observar, segundo Bogossian (2014), que, “Elementos do então tempo presente aparecem no desenho, evidenciando uma interpretação híbrida, onde espaço e tempo se entre cruzam na criação infantil” (BOGOSSIAN, 2014, p.116).

O autor da pesquisa também destaca a importância de considerarmos a fala das crianças a fim de conseguir desvendar as mensagens que estão contidas nas produções das crianças, que nesse caso foram os desenhos.

Notou-se ao termino do trabalho que as crianças fazem seus desenhos amparados em suas memórias, mesmo podendo observar o espaço que está sendo representado em seu desenho, assim como forte presença da fala durante as produções, influenciando o desenho dos amigos.

Para o autor, “A representação através do desenho expressa formas particulares das crianças perceberem o mundo, através das culturas infantis, e o mapa infantil, mais especificamente, apresenta-se como representação dinâmica do espaço”. (BOGOSSIAN, 2014, p. 118).

Notou-se que as crianças possuem apurados conhecimentos e quando se trata dos espaços vivenciados no cotidiano, elas se lembram com detalhes de cada um deles. Além de fazerem relações lógicas entre os fenômenos que observam.

A partir de suas inquietações, pudemos construir conhecimento junto a elas, ensinado conceitos e categorias adultos e aprendendo conceitos e categorias infantis. A Educação Infantil é um dos primeiros lugares onde podemos pautar um desenvolvimento dialógico do ensino- aprendizagem e, por isso mesmo, tão

importante para o processo de indivíduo- ação, que pense a sua condição de ser e estar no espaço geográfico (BOGOSSIAN, 2014, p. 119).

Com o relato da pesquisa na creche, descrito anteriormente, fica claro a importância que se tem a vivência de uma criança, quando trabalhamos com ela as representações dos espaços que está inserida.

Dando continuidade no que diz respeito à temática da produção cartográfica pelas crianças, bem como a importância em se compreender a vivência dos alunos, como parte integrante para se construir um conhecimento na escola, Oliveira e Kelman (2019) afirmam, “Afinal, conforme já discutido, a criança e o espaço formam uma unidade vivencial” (OLIVEIRA e KELMAN, 2019, p. 92).

Para os autores, Oliveira e Kelman (2019), embora o principal objetivo da Geografia seja proporcionar uma compreensão do espaço geográfico, é necessário nos atentarmos para saber ao certo, de qual espaço estamos falando. Afinal, o espaço geográfico diz respeito à vida e às relações socioespaciais de uma criança. Logo é necessário rever o ensino tradicional da Geografia, uma vez que o elemento que se é estudado atualmente se encontra desconexo com a realidade dos estudantes.

Oliveira e Kelman (2019) citam Resende (1989, p.84) que alertava, “se o espaço não é encarado como algo que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde, e a geografia torna-se alheia a ele”.

O conceito de lugar é fundamental no ensino da Geografia, conforme dizem os documentos curriculares para os anos iniciais, nesta etapa de escolarização. Ele compreende além de uma porção do espaço para a vida, também a identidade, que se dá como sentimento de pertinência, uma vez que o ser vai se identificando e vai construindo familiaridade e também afetividade.

Não podemos negar a importância de se preocupar em possibilitar uma leitura de mundo, por meio de uma análise vivida e percebida pela criança. É dessa maneira que ela vai construindo seu conhecimento, através de suas experiências bem como suas vivências.

O ensino de Geografia deve proporcionar que as crianças, a partir das suas vivências, possam relacionar-se com outros lugares mais distantes e aos poucos compreendê-los (MARQUES, 2009, apud OLIVEIRA e KELMAN, 2019, p.94).

4 MAPAS VIVENCIAIS: UMA NOVA POSSIBILIDADE

Segundo Oliveira e Kelman (2019), tem-se discutido nos últimos anos algumas experiências cartográficas com crianças dentro de uma perspectiva chamada de *Mapas Vivenciais* (LOPES, 2012; COSTA; AMORIM, 2015; LOPES; COSTA; AMORIM, 2016). Tais mapas “se caracterizam por movimentos de representações cartográficas que tragam não só os elementos do mundo adulto (Cartografia para Crianças), mas também as referências das próprias crianças” (LOPES, 2012, p.222).

Os Mapas Vivenciais tem como proposta encontrar uma cartografia, onde as lógicas das crianças sejam prezadas, abrindo assim, outros caminhos pra se pensar outras possibilidades do aluno construir o conhecimento no espaço escolar.

De acordo com Costa e Amorim (2015), os Mapas Vivenciais também têm sido utilizados para reflexão dos espaços geográficos e dos seus sujeitos.

Daí, nessa experiência com os Mapas Vivenciais, consideramos o termo mapa para representações livres que, como constatamos, incluem: visões verticais do espaço geográfico, tentativas de redução proporcional do espaço cartografado, traçado dos elementos presentes nos lugares, textos, transições de falas dos estudantes, desenhos livres, entre outras formas representativas. Isso é o que nos tem feito refletir sobre outras possibilidades de elaboração de mapas que contemplem as vivências das crianças em seus lugares, com suas histórias de vida (COSTA e AMORIM, 2015, p.246).

Para Oliveira e Kelman (2019), é preciso repensar as práticas pedagógicas tradicionais, uma vez que elas acabam por não considerar o mundo da vida dos estudantes como sendo um conhecimento válido. Seria um modo de repensar que envolve uma relação de ensino-aprendizagem entre alunos- professores e alunos- alunos.

Segundo Oliveira e Kelman (2019), “Ainda são poucos os estudos que articulam a Geografia da Infância ao ensino desta disciplina para crianças” (OLIVEIRA e KELMAN, 2019, p.101).

É preciso que os educadores pensem, em como ensinar Geografia para as crianças, instrumentalizando- as, bem como procurando entendê-las como sendo protagonistas nas suas condições socioespaciais e nos seus processos de aprendizagem.

Costa (2021) em sua pesquisa objetiva buscar as relações das crianças com os espaços que elas ocupam, assim como suas relações de Vivências e também as experiências nesses espaços, bem como as potencialidades de autoria e criadora.

A criança possui uma linguagem específica e singular, ela tem uma lógica própria do seu sujeito, e por isso, entende, e cria seu mundo dentro disso, relacionando com “as condições que estão à sua volta, nas quais se encontra (VIGOSTKI, 2001, apud PRESTES, 2012, p.212).

Segundo Costa (2021), em função da compreensão socioespacial do mundo, a Geografia como campo de conhecimento, deve ser reconhecida como parte fundamental na formação dos indivíduos. Quando se trabalha as diferentes vivências e linguagens geográficas, potencializa-se a afinidade e o raciocínio espacial dos alunos.

Desse modo, “os trabalhos com os mapas não devem acontecer apenas do modo ilustrativo, mas seu uso deve levar as pessoas a pensarem seus espaços geográficos, seus territórios, suas paisagens e lugares” (COSTA, 2021, p. 149).

Sendo assim, pode-se afirmar que para se compreender a organização espacial bem como a relação sujeito espaço, é vista a importância da cartografia assim como o uso de diferentes linguagens e representações espaciais.

Costa (2021) ressalta que, o potencial de um mapa está relacionado à utilização de diferentes tipos de cartografia. No ensino de Geografia, o uso do conhecimento cartográfico cria condições para que a criança faça uma leitura do espaço em que ela vive.

Dessa forma, “os alunos e crianças utilizam imagens mentais relacionadas ao espaço de vivência e traçam seus percursos, no intuito de organizar seus lugares a partir dos seus limites que são marcados com o uso de informação captadas pela memória” (COSTA, 2021, p.150)

Um exemplo de trabalho com mapas mentais é o de propor mapear os lugares e fenômenos cotidianos, sem ter a preocupação de seguir as convenções cartográficas, essa é uma das formas de se elaborar um mapa, dentro do ensino de Geografia.

A importância desse modo de cartografar é fundamentada na ideia de que as chamadas cartas ou mapas mentais são instrumentos eficazes para compreender os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares (GIRARDI, 2009, p.314 apud COSTA, 2019, p. 150).

Segundo Costa (2021), de forma didática, o uso desses mapas representa o mundo em que a criança está inserida, bem como seu lugar e a maneira como a sua descrição é entendida como produto da cognição do ser sobre sua vivência.

Dessa maneira o professor tem a possibilidade de utilizar essa atividade, de representação do espaço vivido, para levar o aluno a interpretar o fenômeno espacial.

Costa (2021), diz ser comum a maioria dos mapas que encontramos por aí, desconsiderarem as referências infantis. Os mapas vivenciais são uma perspectiva teórico-metodológica, que permite que as crianças cartografem o mundo, tendo como orientação da metodologia, os conceitos de vivência e de reelaboração criadora.

Explicando o procedimento de como se trabalha com os mapas vivenciais, Costa (2021) diz que num primeiro momento ocorre uma conversa coletiva entre o pesquisador juntamente com as crianças, acerca das categorias do espaço, partindo da construção da história e geografia humanas.

Após o diálogo as crianças começam a produção dos mapas vivenciais partindo dos lugares previamente oferecidos. Quando finalizadas as crianças narram suas produções de forma coletiva, advindo a busca pela singularidade da vivência e também seu potencial de criação.

O diferencial dessa nova perspectiva utilizada é poder cartografar o novo, bem como as dimensões sociais e culturais que tem suas raízes a partir do mundo herdado por cada criança.

Costa (2021) faz algumas considerações finais, salientando a importância que a vivência tem para a criação, assim como a relevância que tem uma criação infantil, uma vez que as crianças reinventam e recriam o espaço, bem como a realidade e sua própria existência.

Desse modo, Costa (2021) defende a ideia de que é preciso que sejam consideradas e valorizadas as lógicas das crianças. Os mapas vivenciais é uma forma de expressão criadora, meio por onde as crianças expressam suas vivências, reelaborando o meio em que as histórias e as memórias humanas vão se transformando.

4.1 Vivências em Mapas: Uma atividade prática

Neste capítulo pretende-se relatar um pouco da pesquisa realizada por Denise Wildner Theves, de 2017, onde crianças de diferentes contextos socioculturais produzem seus mapas a partir de suas territorialidades, em situações vivenciadas utilizando a cartografia.

A atividade foi desenvolvida em duas classes de alfabetização, não só localizadas em municípios diferentes bem como também, em contextos culturais distintos.

Uma das classes era no município de Viamão, no Rio Grande do Sul, em uma escola indígena, onde as crianças iriam explorar e percorrer o espaço da comunidade onde viviam. Já a segunda classe pertencia a uma escola comunitária, e se localizava também no Rio Grande

do Sul, porém no município de Lajeado. As crianças deveriam se deslocar pelo pátio da escola. Ambas as turmas eram classes dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

As atividades procuraram compreender a forma como as crianças representavam suas espacialidades por meio dos mapas vivenciais, bem como representar o espaço através de mapas, oportunizando também atividades de leitura.

“O intuito foi o de ampliar as reflexões da Cartografia para as crianças, partindo de uma Cartografia com crianças” (THEVES, 2017, p.161).

De acordo com Theves (2017), durante a atividade com as crianças houve momentos de interação e reflexão, onde elas puderam expressar e representar graficamente, como elas fazem apropriações do espaço onde vivem. Durante a criação dos mapas vivenciais das crianças não houve preocupação com convenções cartográficas, elas podiam representar tanto elementos reais quanto imaginários.

Os mapas vivenciais apresentam-se enquanto possibilidades de ler e comunicar o que se lê sobre o espaço, partindo da espacialidade vivenciada e construída pelas crianças na interação com o espaço vivido. A expressão “mapas vivenciais” aqui é utilizada para identificar a produção de representações cartográficas das vivências das crianças nos lugares, na perspectiva de sua lógica espacial e sua linguagem, sendo que estes podem ser considerados as marcas de suas (geo) grafias. Os mapas vivenciais não são considerados aqui simples desenhos, nem se busca neles apenas enfatizar a necessidade de serem seguidas as regras rígidas da planificação cartográfica. Eles são considerados a expressão dos movimentos que são feitos pelas crianças no/com o espaço, assim, a maior ênfase na sua produção é dada pelo que comunicam e expressam (THEVES, 2017, p. 162).

Dessa maneira, o autor Theves (2017), afirma que a atividade proposta “buscou construir uma possibilidade de alfabetização cartográfica em que a representação de mundos visíveis, objetivos e subjetivos leve em consideração a lógica das crianças e o seu espaço vivido, como possibilidades de ler e compreender o mundo”.

A pesquisa deixou clara a importância de se ter um currículo escolar que estabeleça diálogo com o cotidiano das crianças, a fim de que se obtenham aprendizagens significativas.

Para que o aluno entenda a linguagem cartográfica (alfabetização cartográfica), é preciso experimentar fazer um mapa na prática, e não apenas pintar ou copiar contornos de um. Por meio do processo de vivenciar a prática a criança adquire familiaridade com a linguagem cartográfica e desse modo vai construindo sentido para sua utilização.

Sendo assim:

as propostas de trabalho desenvolvidas com a Geografia podem constituir-se em possibilidades para o desenvolvimento de uma prática social cotidiana, para a formação de uma consciência espacial, para uma relação ética e estética com o

espaço, ampliando suas visões de mundo e a compreensão do que lhes acontece e vivem (THEVES, 2017, p. 176).

A geografia, juntamente com outros campos de conhecimento, pode oportunizar a criança a aprender a pensar bem como ler e representar o espaço.

Busca-se uma aproximação de como a criança pensa a partir dos seus pontos de vista e também suas percepções e representações espaciais, a fim de construir novos olhares acerca do espaço vivido, juntando leitura de mundo da vida com geografia.

Acredito que ao ter maior protagonismo nas aulas de Geografia e, portanto, maior participação, a capacidade de reflexão e compreensão das crianças se amplia e aprofunda, pois passam à condição de sujeitos que vivem as suas infâncias e podem produzir culturas e conhecimentos por meio da leitura e da compreensão do mundo que o ensino da Geografia na perspectiva aqui defendida lhes possibilita (THEVES, 2017, p. 177).

Por fim, Theves (2017) ressalta que as atividades com os mapas vivenciais buscou refletir novas possibilidades de trabalho com a Cartografia, traduzindo o cotidiano de diferentes grupos sociais e culturais.

O olhar que a criança tem acerca do espaço, bem como sua representação pode ser um meio para ampliar o conhecimento dela sobre o espaço vivido, porém, sempre com olhar e escuta atenta do professor, desafiando os alunos a refletirem.

CONCLUSÃO

No presente trabalho foram apresentadas algumas pesquisas acerca dos Mapas Vivenciais e também sobre a Cartografia com crianças.

Após a leitura e a reflexão dos textos acerca da temática dos Mapas Vivenciais e sua relação com a Geografia, mais especificamente com a alfabetização cartográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pudemos observar a importância de um ensino que faça sentido para a criança, de acordo com o ambiente/ espaço, e realidade em que ela vive.

Além disso, o educador deve se preocupar em ouvir cada criança, pois cada uma delas carrega consigo uma vivência única, de acordo com sua realidade de vida, bem como memórias de tais vivências.

Os Mapas vivenciais se mostraram grande facilitador na introdução do ensino de Geografia, com as crianças pequenas, quando pensamos em um ensino que priorize a fala das crianças bem como a sua singularidade e especificidade.

Quando a criança faz a atividade prática de descrever o espaço em que ela vive, ela vai aos poucos se familiarizando com a cartografia, dando sentido para aquela aprendizagem. Por meio de suas percepções e representações ela vai fazendo uma leitura do mundo, construindo novos olhares, ampliando seus conhecimentos.

Por esse motivo, a alfabetização cartográfica nos primeiros anos do Ensino Fundamental, utilizando como ferramenta de ensino, os Mapas Vivenciais, se torna de grande utilidade e valor, para uma aprendizagem mais significativa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D.L. de. **Mapas mentais para o ensino de geografia e reflexões em uma escola de Campina Grande – PB**, 2015. 242 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- ANDRADE, L.M. de; SILVA, M.F.S. da. **Crianças em cena e suas vivências geográficas em um CMEI de Maceió**. Orientadora: Edna Telma Fonseca e Silva Vilar. 2019, 22f. TCC (Graduação)- Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.
- BOGOSSIAN, T. “A gente vai cavando, cavando e cavando até chegar ao tesouro!” : Cartografia com crianças pequenas. **Revista Territorium Terram**, São João del- Rei, v.02, n. 03, p.108- 121, out./ mar. 2013/ 2014. Disponível em: Acesso em: 7 out. 2021.
- CORNETO, N. **Cartografia escolar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental: o que dizem as pesquisas**. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/ Campus de Presidente Prudente. Presidente Prudente, p. 290. 2019
- COSTA, B.M.M.C. Desde a geografia da infância a construção de uma cartografia vivencial/ social. **Revista Mutirão**, Recife, v. 2, n. 1, p. 141-157, jul./ ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/mutiro>. Acesso em: 5 out. 2021
- JULIASZ, P.C.S. **O pensamento espacial na Educação Infantil: uma relação entre Geografia e Cartografia**. 2017. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo – SP, 2017. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14072017-162631/pt-br.php. Acesso em: 5 out. 2021
- LOPES, J.J.M. Mapas dos cheiros: cartografia com crianças pequenas. Rio de Janeiro, **Revista Geografares**, n.12, p.211- 227, Julho, 2012.
- LOPES, J.J.M.; COSTA, B.M.F.; AMORIM, C.C. **Mapas Vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais**. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v.6, n. 11, p. 237-256, jan./ jun. 2016.
- LOPES, J.J.M.; COSTA, B.M.F. **Geografia da Infância: onde encontramos as crianças?** ACTA Geográfica, Boa Vista, Edição Especial 2017, p.101- 118.
- LOPES, J.J.M.; LIMA, R.J. A cartografia nas mãos – e nas vozes- das crianças. **Revista Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul./ dez. 2015.
- LOPES, J.J.M.; MELO, M.B. de. Cartografia com Crianças: lógicas e autorias infantis. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, Dossiê de Cartografia Escolar. v.7, n. 13, p.67-78, jan./ jun., 2017. Disponível em: revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/486. Acesso em: 5 out. 2021.
- OLIVEIRA, Thabata Fonseca de; KELMAN, Celeste Azulay. **Infância e espaço: crianças, espacialidades e ensino de geografia nos anos iniciais**. Campo Grande, Geofronter, n.5, v.2, p. 86- 103, 2019.

THEVES, Denise Wilder. Criança guarda coisas na memória e representa suas vivências em mapas: entre árvores, riachos, animais, tesouros e o meteoro. **Revista Geographia Meridionalis**, v.03, n 02, out./ 2017, p.159 – 179.